

Daiana da Silva Marcelino
IFSULDEMINAS - Campus Passos
daiamarcelino2018@gmail.com

Mariana Dias de Almeida
IFSULDEMINAS - Campus Passos
mariana.almeida@ifuldeminas.edu.br

MODELAGEM E CULTURA: a singularidade das roupas afrofuturistas

RESUMO

O presente artigo analisa a moda afrofuturista como uma expressão cultural que articula elementos tradicionais africanos e diásporas negras a uma visão futurista e tecnológica, tendo na modelagem do vestuário o seu ponto central de investigação. O estudo tem como objetivo geral compreender de que maneira a modelagem das roupas afrofuturistas atua como instrumento de resistência, empoderamento e ressignificação da identidade negra, promovendo novas possibilidades de expressão estética e cultural. Entre os objetivos específicos, destacam-se: investigar como a modelagem afrofuturista desconstrói padrões eurocêntricos de vestuário; analisar a integração de elementos simbólicos, históricos e tecnológicos na construção das peças; comparar técnicas de modelagem afrofuturistas com as utilizadas na moda contemporânea ocidental; e examinar exemplos de figurinos e coleções representativos do movimento, evidenciando seu papel na afirmação da identidade negra. A metodologia utilizada é qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise crítica de referências culturais, históricas e visuais. Os resultados indicam que a modelagem afrofuturista transcende a função utilitária da roupa, constituindo-se como linguagem simbólica, política e estética, que articula tradição e inovação, projeta futuros alternativos e posiciona o corpo negro como centro de narrativas culturais.

Palavras-chave: Moda afrofuturista; Modelagem; Identidade negra; Inovação; Resistência cultural.

MODELING AND CULTURE: the uniqueness of Afrofuturist clothing

ABSTRACT

This article analyzes Afrofuturist fashion as a cultural expression that combines traditional African and Black diasporic elements with a futuristic and technological vision, focusing on clothing design. The study's overall objective is to understand how Afrofuturist clothing design acts as an instrument of resistance, empowerment, and the redefinition of Black identity, promoting new possibilities for aesthetic and cultural expression. Specific objectives include: investigating how Afrofuturist design deconstructs Eurocentric clothing standards; analyzing the integration of symbolic, historical, and technological elements in the construction of pieces; comparing Afrofuturist design techniques with those used in contemporary Western fashion;

and examining examples of costumes and collections representative of the movement, highlighting their role in affirming Black identity. The methodology used is qualitative, based on a literature review and critical analysis of cultural, historical, and visual references. The results indicate that Afrofuturist modeling transcends the utilitarian function of clothing, constituting itself as a symbolic, political and aesthetic language, which articulates tradition and innovation, projects alternative futures and positions the black body as the center of cultural narratives.

Keywords: *Afrofuturist fashion; Modeling; Black identity; Innovation; Cultural resistance.*

1 INTRODUÇÃO

A moda é um campo de expressão simbólica que vai além da funcionalidade do vestir, representando identidades, valores e transformações sociais. Dentro desse universo, o Afrofuturismo surge como estética e filosofia cultural que reivindica o protagonismo negro na construção de futuros alternativos, mesclando elementos ancestrais africanos com tecnologias e estéticas contemporâneas. Essa abordagem rompe com paradigmas eurocêntricos e propõe novas narrativas visuais para corpos historicamente marginalizados.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar a singularidade da modelagem das roupas afrofuturistas enquanto instrumento de resistência, empoderamento e ressignificação da identidade negra. Como objetivos específicos, busca-se: investigar a desconstrução de padrões eurocêntricos; examinar a integração de elementos simbólicos, históricos e tecnológicos nas técnicas de modelagem; e comparar essas práticas com a moda contemporânea ocidental.

A metodologia utilizada é qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica e análise crítica de referências culturais, históricas e visuais, buscando compreender como a modelagem afrofuturista articula tradição, inovação e identidade cultural.

2 MOVIMENTO CULTURAL E AFROFUTURISTA

O termo Afrofuturismo foi criado em 1993 pelo crítico cultural Mark Dery, em seu ensaio *Black to the Future*, no qual analisa como artistas negros utilizam a ficção científica, a tecnologia e a cultura africana para projetar futuros possíveis e recuperar memórias silenciadas pela diáspora. Entretanto, elementos dessa estética já estavam presentes desde a década de 1920, como no conto *The Comet*, de W.E.B. Du Bois (Elia, 2016).

Na década de 1960, o músico Sun Ra destacou-se como pioneiro do movimento ao incorporar referências cósmicas e futuristas em sua obra, criando uma identidade que unia filosofia, música e ancestralidade africana. Sua persona, inspirada no deus egípcio Rá, representava uma proposta de libertação simbólica do povo negro (Ferreira, 2020).

Figura 1 – Sun Ra com adorno feito de lacos de latas de alumínio e arame de aço e roupa metálica



Fonte: <https://musicnonstop.uol.com.br/sun-ra-in-brasil/>

O pioneirismo do Afrofuturismo consolidou-se por apresentar uma nova perspectiva às populações negras, fundamentada na conexão com o universo e na recusa dos limites impostos pela diáspora africana. Inicialmente difundido de forma lenta, o movimento tornou-se uma expressão identitária, marcada pela afirmação da negritude e dos valores culturais em resposta às experiências de opressão e racismo.

Segundo Eshun (2015), o Afrofuturismo constitui-se como um programa de recuperação de “contra-futuros” criados em um século hostil às projeções afrodiaspóricas, configurando-se também como um espaço de produção crítica capaz de intervir no regime político vigente. Sua abrangência se estende aos campos teórico,

ficcional, digital, sonoro, visual e arquitetônico, sendo compreendido como um projeto multimídia no Atlântico Negro.

Autores como Womack (2013), Eshun (1998) e Dery (1993) destacam que o Afrofuturismo se caracteriza como movimento estético, político, filosófico e artístico, ao articular cultura, história e tecnologia. Ao reimaginar criticamente o passado e projetar futuros possíveis, rompe com narrativas coloniais e eurocêntricas, ressignificando o legado da escravidão e da marginalização histórica, e oferecendo novas possibilidades de existência e identidade para os corpos negros na contemporaneidade.

Na literatura brasileira, intelectuais como Djamila Ribeiro, Rafael Cardoso, Anna Maria Gonçalves, Edivania Oliveira e Fabio Fernandes ampliam o diálogo sobre o Afrofuturismo ao

refletirem sobre passado, presente e futuro da população negra. Já escritores de ficção, como Fábio Kabral, Ale Santos, Sandra Menezes e Lu Ain-Zaila, inserem protagonistas negros em narrativas futuristas, rompendo com o predomínio eurocêntrico da ficção científica.

Por seu caráter artístico-cultural, o Afrofuturismo se manifesta em diferentes linguagens, como música, literatura, artes visuais, arquitetura, moda e cinema (Dery, 1994; Eshun, 1998). Nesse contexto, as produções *Pantera Negra* (2018) e *Pantera Negra: Wakanda Para Sempre* (2022) receberam reconhecimento mundial, com figurinos premiados no Oscar de Melhor Figurino (2019 e 2023), assinados por Ruth E. Carter — a primeira mulher negra a conquistar duas estatuetas nessa categoria (Carvalho, 2019; The Academy of motion picture arts and sciences, 2019; 2023). Para Tanisha C. Ford (2018), o figurino de *Pantera Negra* transformou a percepção da África no cinema, ao revelar sua estética como futurista e sofisticada.

Figura 2 – Cena do filme *Pantera Negra*, o encontro das tribos africanas



Fonte: <https://edition.cnn.com/interactive/2023/05/style/ruth-e-carter-black-panther-costumes-cnnphotos/>

Pantera Negra foi inspirado em diversas culturas africanas, buscando uma estética única, futurista e enraizada na tradição. Ruth E. Carter incorporou estilos, tecidos e elementos de arte tribal de países como Nigéria, Mali e Zâmbia, criando uma narrativa visual rica e simbólica (Abstract: The Art of Design, 2019).

O filme musical *Black Is King* (2020), de Beyoncé, integra referências da África e da diáspora, com direção criativa de Zerina Akers, que articulou tradição e futurismo nos figurinos. Segundo Eshun (2003), o Afrofuturismo ressignifica a experiência negra ao combinar memória histórica e imaginação tecnológica, enquanto Hall (1997) enfatiza que a identidade cultural se constrói continuamente, algo evidente nos figurinos que celebram a diversidade africana em diálogo com a estética global.

Figura 3 – Beyoncé em cena do trailer de *Black is King*.



Fonte: <https://revistamonet.globo.com/Musica/noticia/2020/10/beyonce-e-processada-por-morador-de-cidade-revoltado-com-filmagens-de-clipe-em-local-historico.html>

Zerina Akers afirma que os figurinos narram a história do povo negro, conectando passado africano e futuro (Vogue, 2020). Essa estética, que combina tradição e tecnologia, aparece em filmes internacionais como *Space Is The Place* (1974), de Sun Ra, e em obras brasileiras como *Branco Sai, Preto Fica* (2014) e *Beatitude* (2015).

2.1 Elementos culturais e históricos nas modelagens das roupas afrofuturistas

A moda tem sido historicamente utilizada como ferramenta de comunicação e resistência cultural, refletindo valores sociais e contextos políticos (Carvalho, 2016). Movimentos culturais, como o Harlem Renaissance e o Black Power nos Estados Unidos, e o Movimento Negro no Brasil, influenciaram a moda afrodescendente ao incorporar padrões,

tecidos e vestes tradicionais africanas, transformando o vestuário em símbolo de identidade e resistência (Womack, 2015; Reilly, 2021; Sant'Anna, 2005).

Na década de 1980, movimentos urbanos como o hip-hop e o punk consolidaram estilos visuais que se relacionam diretamente com a cultura negra, enquanto o surgimento do streetwear nas periferias urbanas misturou conforto, estética esportiva e referências culturais afrodescendentes (Quinn, 2005; Richardson, 2021). Paralelamente, emergiu o Afrofuturismo, movimento que combina ancestralidade africana com ficção científica e futurismo, projetando futuros nos quais a estética negra é central. Estilistas como Duro Olowu, Telfar Clemens e brasileiros como Ronaldo Fraga, Will da AfroPerifa e Madalena Bispo incorporam esses princípios em peças que mesclam tradição, tecnologia e crítica social (Womack, 2015; Farias, 2020).

As roupas afrofuturistas se destacam por sua modelagem simbólica, que desconstrói silhuetas eurocêntricas e valoriza formas orgânicas, revelando o corpo negro e ressignificando experiências históricas de opressão (Tulloch, 2016). Tecidos tradicionais africanos, como kente, adinkra, adire e bogolan, são reinterpretados com materiais tecnológicos e cortes inovadores, incorporando também elementos da espiritualidade e mitologia africanas, como referências ao candomblé e ao vodu, conferindo dimensão ritualística ao vestir (Gilroy, 1993; Eshun, 2003).

A modelagem afrofuturista também reflete preocupações éticas e sustentáveis, adotando práticas de produção que respeitam recursos naturais e comunidades locais, além de promover reaproveitamento de tecidos e fortalecimento de redes de produção comunitária (Farias, 2020). O resultado são peças com silhuetas ousadas, camadas complexas, paletas vibrantes e fusão de estilos culturais, que projetam o corpo negro como centro de narrativas de resistência, memória e futurismo.

2.2 Entre inovação e tradição: técnicas de modelagem na moda afrofuturística e contemporânea

A moda é um campo em que estética, identidade e tecnologia se entrelaçam de maneira dinâmica, especialmente quando observamos movimentos culturais que desafiam narrativas eurocêntricas. O Afrofuturismo, enquanto estética e filosofia cultural, ressignifica o tempo, o espaço e a corporeidade negra, utilizando a moda como ferramenta de projeção identitária e especulação de futuros alternativos (Ribeiro, 2019; Eshun, 2003). Nesse contexto, as técnicas de modelagem têxtil vão além da funcionalidade, tornando-se meios de expressar a ancestralidade, resistência e inovação, incorporando história, simbolismo e experimentação estética.

Enquanto a modelagem contemporânea ocidental tende a valorizar a padronização industrial, silhuetas ajustadas e medidas universais (Kawamura, 2005), o afrofuturismo explora volumes orgânicos, sobreposições, assimetrias e cortes que evocam referências africanas e diásporas negras, criando um vocabulário visual que ultrapassa a mera função do vestuário. Tecidos tradicionais como kente, adinkra, adire, bogolan, capulana e samakaka são reinterpretados por meio de cortes geométricos, volumetrias ousadas e materiais tecnológicos, promovendo uma fusão entre passado ancestral e futurismo.

Essa abordagem transforma o corpo em um território político, estético e espiritual, onde a modelagem encena narrativas de memória, resistência e projeção de futuros alternativos. Exemplos significativos podem ser observados nos figurinos criados por Zerina Akers para Black Is King, nos quais túnicas, drapeados e adornos cerimoniais dialogam com tecidos tecnológicos e proporções ampliadas, reafirmando o elo com a ancestralidade enquanto projetam novas possibilidades de existência (Eshun, 2003).

Além do aspecto formal, a modelagem afrofuturista incorpora elementos da espiritualidade e mitologia africanas, como referências ao candomblé, vodu e outras tradições afro-brasileiras e africanas, conferindo ao vestuário dimensões ritualísticas e simbólicas (Gilroy, 1993). A utilização de materiais inovadores, reciclados e sintéticos, combinada a silhuetas complexas e paletas vibrantes, também reflete preocupações éticas e sustentáveis, fortalecendo redes de produção locais e comunitárias e consolidando a moda como prática estética-política (Farias, 2020).

Dessa forma, a modelagem no afrofuturismo não apenas veste o corpo, mas revela identidades, memória cultural e potencial criativo, rompendo com padrões eurocêntricos e ampliando as possibilidades de expressão estética, cultural e social para a população negra.

Figura 4 – Modelo e ator Guthierry Sotero



Fonte: https://www.instagram.com/p/C_T0pIFJ7TI/?img_index=2&igsh=d3NsbGdqZnMyc2c4

Um exemplo marcante dessa abordagem pode ser observado no blazer da figura 4, de proporções dramáticas, com mangas bufantes segmentadas e superfície completamente coberta por grafismos geométricos de inspiração africana. A peça, construída com volumes exagerados e uma silhueta imponente, rompe com os padrões eurocêntricos de alfaiataria ao integrar elementos tradicionais, como os padrões visuais, utilizando o tecido Kente ou Ankara, com uma construção tridimensional que transforma o corpo em escultura simbólica. A modelagem volumétrica das mangas, composta por três grandes seções balonês, sugere não apenas inovação estética, mas também força, presença e memória ancestral. Trata-se de um exemplo claro de como o afrofuturismo utiliza o vestuário como plataforma para imaginar futuros possíveis a partir da valorização de saberes africanos, ressignificando técnicas e formas para além da funcionalidade e da lógica ocidental da roupa.

Figura 5 – Modelo e ator Demerson D'alvaro no desfile da marca Menino Rei no São Paulo Fashion Week



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ce81BOUrrEI/?igsh=MXg3Z20xY2F0ZzN3cA==>

Outro exemplo que expressa com força a intersecção entre tradição e inovação na moda afrofuturista é a composição apresentada na figura 5, na passarela do São Paulo Fashion Week. A peça, composta por um conjunto de calça ampla e blazer de modelagem reta e longa, adota a estética do oversize com elegância e imponentia. A modelagem desestruturada remete às túnicas e vestes cerimoniais de diversas culturas africanas, preservando o movimento do corpo e a fluidez do tecido como elementos centrais. A estampa é composta por padrões gráficos tribais, principalmente em tons de amarelo, vermelho e preto,

com forte contraste e ritmo visual, evocando narrativas visuais ancestrais. O uso do busto à mostra, aliado ao colar escultural de estética orgânica e metálica, estabelece um equilíbrio entre o ancestral e o futurista, um corpo.

3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS: CORPOS QUE VESTEM O FUTURO

As peças analisadas evidenciam como a moda afrofuturista redefine e expande a modelagem tradicional do blazer ocidental, utilizando cortes, proporções e volumes como ferramentas de expressão estética e cultural. O primeiro blazer da figura 4, apresenta mangas bufantes segmentadas e volumes esculturais, combinados com grafismos geométricos inspirados em tradições africanas, criando uma construção tridimensional que transforma o corpo em uma presença visual impactante. A modelagem volumétrica, ao mesmo tempo ousada e estruturada, valoriza a silhueta de maneira não convencional, rompendo com padrões eurocêntricos de proporção e alfaiataria.

O segundo blazer da figura 5, mais fluido, adota cortes soltos e drapeados, inspirados em vestes cerimoniais e trajes tradicionais africanos, proporcionando leveza e movimento ao corpo. Essa abordagem demonstra como a modelagem afrofuturista não se limita a ajustar a peça ao corpo, mas articula forma, função e significado, ao reinterpretar formas clássicas da alfaiataria ocidental a partir de referências ancestrais e contemporâneas.

Em ambas as peças, a modelagem cumpre múltiplas funções: ela organiza tecidos tradicionais e contemporâneos, estrutura proporções ampliadas e permite sobreposições, criando uma narrativa visual que combina ancestralidade, inovação tecnológica e identidade cultural. O uso de cortes não lineares, volumetrias ousadas e materiais variados evidencia que a modelagem afrofuturista é, ao mesmo tempo, técnica e simbólica, refletindo a história, a memória e as possibilidades futuras da população negra.

Dessa forma, a modelagem deixa de ser apenas um instrumento funcional para se tornar uma linguagem cultural, capaz de expressar resistência, pertencimento e criatividade. A fusão de tradição e futurismo na construção das peças demonstra que, no afrofuturismo, o vestuário é uma extensão do corpo e da identidade, articulando estética, simbologia e poder de forma integrada.

3.1 Moda contemporânea: padronização e hibridismo cultural

Na moda contemporânea ocidental, a modelagem passou por um processo de refinamento técnico desde a Revolução Industrial, com o surgimento do prêt-à-porter e da alta costura. Hoje, novas tecnologias, como impressão 3D, escaneamento corporal e design paramétrico, oferecem inovações significativas, mas geralmente ainda seguem padrões

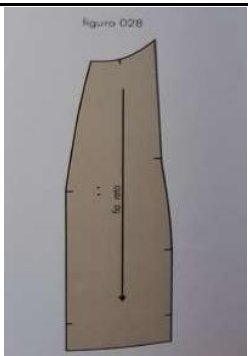
eurocêntricos de proporção e estética. Autores como Lipovetsky (1989) apontam que a moda moderna promove a individualização, mas, paradoxalmente, tende à homogeneização de corpos e estilos por meio de suas estruturas industriais.

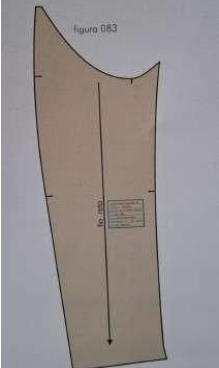
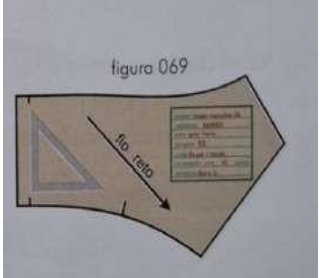
O encontro entre a modelagem afrofuturista e a contemporânea abre espaço para práticas que valorizam tanto a inovação tecnológica quanto o respeito à pluralidade cultural. Designers afrodescendentes têm reivindicado novas metodologias que incorporam oralidade, ritualidade e saberes não hegemônicos ao processo de criação. Isso resulta em peças que não apenas vestem, mas narram histórias. Como observa Hall (1997), a identidade cultural não é fixa, mas processual e a moda pode ser uma de suas formas mais expressivas de manifestação.

No contexto contemporâneo da moda, a interseção entre identidade cultural e inovação estética tem ganhado destaque. Neste contexto, propõe-se uma análise da modelagem afrofuturista dos blazers masculinos, em comparação com a modelagem padrão da alfaiataria contemporânea, detalhada pela renomada estilista Stefânia Rosa em sua biografia “Alfaiataria - Modelagem Plana Masculina”.

Em seguida, apresento um quadro de modelagem do blazer masculino, complementado pela análise da estilista Stefânia Rosa. Este quadro ilustra a interseção entre a modelagem afrofuturista e a alfaiataria contemporânea, destacando os elementos que tornam essa proposta inovadora e culturalmente rica.

Quadro 1 – Modelagem do blazer masculino de Stefania Rosa

Molde dianteiro	Molde lateral	Molde traseiro
		
Molde da manga parte superior	Molde da manga parte inferior	Molde da gola
		

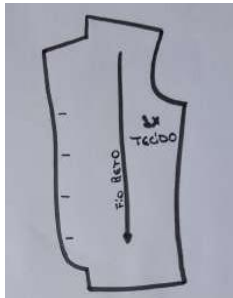
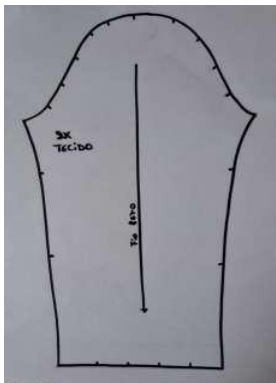
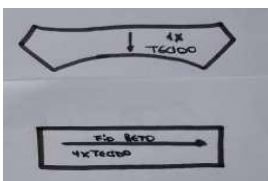
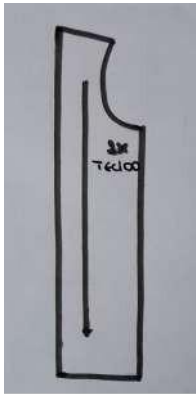
Molde do revel	Molde forro dianteiro	Molde forro traseiro
		
Molde forro da manga parte superior	Molde forro da manga parte inferior	Molde forro da gola
		

Fonte: Acervo da autora (2025)

No universo da alfaiataria masculina, Estefânia Rosa se destaca como uma referência, trazendo à tona a importância do corte preciso e do ajuste perfeito. Em sua obra, ela explora a modelagem dos blazers masculinos, enfatizando como essas peças são fundamentais para transmitir elegância e sofisticação. Os blazers masculinos, de acordo com Estefânia, são caracterizados por sua estrutura robusta e um design que valoriza a silhueta masculina. O corte é geralmente mais ajustado ao corpo em comparação com modelos anteriores, permitindo que o blazer realce as linhas naturais do físico sem comprometer o conforto. Um dos elementos chave na modelagem dos blazers é a construção dos ombros. Estefânia enfatiza que os ombros devem ser bem definidos, criando uma linha clara que se estende até a cintura.

As mangas dos blazers masculinos são geralmente longas e ajustadas, com punhos que podem ser levemente abertos ou abotoados. Outro aspecto relevante da modelagem proposta por Estefânia Rosa diz respeito aos bolsos. Os blazers masculinos frequentemente apresentam bolsos laterais com aba e bolsos internos funcionais, que não apenas oferecem praticidade, o recorte nas costas também desempenha um papel importante na modelagem dos blazers. A inclusão de costuras princesas ou detalhes como o ventral (ou ventilete) permite um ajuste mais refinado na região das costas, garantindo que o blazer se encaixe perfeitamente ao corpo.

Quadro 2 – Análise da modelagem do blazer masculino da figura 4

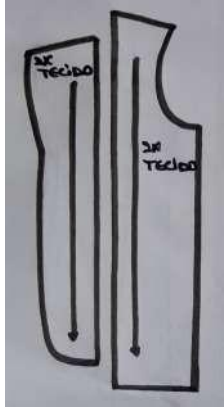
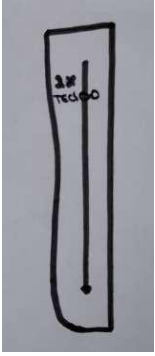
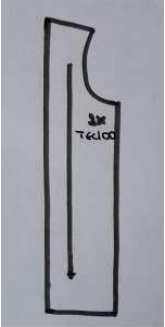
Blazer da figura 4	Molde dianteiro	Molde traseiro
		
Molde das mangas	Molde da gola e punho	Molde do revel
	 Forro gola 	
Molde forro dianteiro	Molde do forro traseiro	Molde forro da manga
		

Fonte: Acervo da autora (2025)

O blazer detalhado de modelagem afrofuturista da figura 4, apresenta ombros mais caídos e uma silhueta ampla que difere da modelagem padrão de Stefania Rosa. Essa peça proporciona um visual descontraído e contemporâneo, sem a rigidez típica da alfaiataria tradicional. A ausência de bolsos é uma característica marcante, já que o objetivo é manter o tecido liso e fluido, sem recortes na frente ou atrás. Esse detalhe contribui para um acabamento mais minimalista na parte estrutural da peça. As mangas bufantes, compostas por três camadas de mangas balonê, elas adicionam volume e movimento à peça, criando um

efeito dinâmico que contrasta com a simplicidade do restante do blazer, unidas a punhos com abotoamento de regulação que auxiliam evidenciando ainda mais a largura das mangas.

Quadro 3 – Análise do blazer da figura 5

Blazer da figura 5	Molde dianteiro	Molde traseiro
		
Molde mangas	Molde gola e do forro	Molde do revel
		
Molde forro dianteiro	Molde forro traseiro	Molde forro manga
		

Fonte: Acervo da autora (2025)

Este blazer afrofuturista da figura 5, possui comprimento alongado, que confere uma estética contemporânea e fluida. As mangas, por sua vez, são mais curtas e largas, proporcionando um toque de conforto e liberdade de movimento. Essa combinação não só reflete a funcionalidade das túnicas tradicionais africanas, mas também traz uma nova interpretação ao vestuário moderno. No entanto esse modelo difere da modelagem padrão citada, pois a modelagem, de Stefania Rosa possui mangas mais ajustadas com medidas padrões que vão até punho e o comprimento do blazer vai até a metade do quadril.

Além disso, o blazer é projetado sem bolsos, uma escolha que reforça a simplicidade e o minimalismo da peça. Essa ausência de detalhes utilitários permite que o foco esteja na beleza do design e na riqueza dos tecidos utilizados. Os tecidos africanos vibrantes são fundamentais para essa proposta, trazendo cores intensas e padrões marcantes que celebram a cultura e a identidade. O recorte central na frente do blazer é outro detalhe que possibilitou a utilização de outra estampa na peça, combinando dois tipos de estampas africanas de variações do modelo Samacaca, tecido tradicional com origem em Angola.

O blazer afrofuturista busca liberdade e auto expressão através de suas formas alongadas e vibrantes. O blazer afrofuturista é uma celebração da cultura africana e da inovação no design de moda. Essa fusão de passado e futuro permite que cada pessoa vista não apenas uma peça de roupa, mas uma história rica em significado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modelagem afrofuturista frequentemente abandona os moldes eurocentrados, propondo novas estruturas de construção de roupas que valorizam corpos diversos, formas orgânicas, assimetrias e volumes não convencionais. Essa abordagem não apenas subverte padrões tradicionais de beleza e funcionalidade, mas também se adapta às características dos tecidos utilizados, criando uma sinergia entre a modelagem e as estampas que os acompanham.

A modelagem, ao ser futurista, modifica-se constantemente para refletir as inovações estéticas e tecnológicas. Os cortes e moldes são diferenciados, cuidadosamente elaborados para harmonizar com as texturas e visuais das matérias-primas. Essa fluidez permite que a vestimenta não apenas se ajuste ao corpo, mas também dialogue com o design do tecido, resultando em peças únicas que capturam a essência do que significa vestir-se no mundo contemporâneo.

Além disso, a modelagem torna-se um campo de experimentação estética e política, permitindo que o corpo negro seja representado de forma digna, poderosa e central. As técnicas utilizadas, muitas vezes artesanais ou híbridas, aliam ancestralidade e inovação,

desafiando os limites entre tradição e futurismo. Portanto, mais do que uma tendência estética, o afrofuturismo representa um gesto político e cultural profundo.

Por meio da modelagem do vestuário, ele propõe novas formas de habitar o tempo, de ocupar o espaço e de reconfigurar identidades. Assim, a moda afrofuturista, especialmente no que tange à modelagem, não apenas veste o corpo, mas o liberta, o empodera e o projeta para futuros plurais e possíveis. Essa dinâmica entre o design e a modelagem reafirma a importância de considerar a intersecção entre tecido, forma e identidade, criando um espaço onde a moda se torna uma ferramenta de transformação social e cultural.

REFERÊNCIAS

BORGES, Cláudia. **Afrofuturismo**: estética e ficção científica na diáspora africana. Revista de Cultura e Extensão USP, São Paulo, n. 17, p. 57-68, 2017.

CARVALHAL, André Luiz Braga. **Moda com propósito**. São Paulo: Editora Paralela, 2016.

DERY, Mark. **Black to the future**: Interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate, and Tricia Rose. In: FLAMELOW, Mark (org.). *Flame Wars: The Discourse of Cyberculture*. Durham:

Duke University Press, 1993. p. 179-222.

ESHUN, Kodwo. **Further considerations on afrofuturism**. *Aperture*, n. 22, Spring 2003.

ESHUN, Kodwo. **Further considerations on afrofuturism**. *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, p. 287-302, 2003.

ESHUN, Kodwo. **Mais considerações sobre o afrofuturismo**. In: FREITAS, Kênia (org.). *Afrofuturismo: cinema e música em uma diáspora intergaláctica*. São Paulo: Caixa Cultural, 2015. p. 115-132.

EWING, Elizabeth. **História ilustrada da moda**: uma análise dos estilos do século XX. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FARIAS, Juliana dos Santos. **Afrofuturismo e moda**: estética, identidade e ancestralidade no vestir negro. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

FERREIRA, Rosenildo. **De Saturno para o mundo**: Sun Ra, o pioneiro do afrofuturismo musical. *Afrofuturismo*, 2020. Disponível em: <https://afrofuturismo.com.br/inovacao/de-saturno-para-o-mundo-sun-ra-o-pioneiro-do-a-frofuturismo-musical/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

FIGURA 1: **Sun Ra com adorno feito de lacres de latas de alumínio e arame de aço e roupa metálica**. Disponível em: <https://musicnonstop.uol.com.br/sun-ra-in-brasil/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FIGURA 2: **Cena do filme Pantera Negra, o encontro das tribos africanas**. Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/2023/05/style/ruth-e-carter-black-panther-costumes-cnnpnphotos/>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FIGURA 3: **Beyoncé em cena do trailer de Black is King.** Disponível em: <https://revistamonet.globo.com/Musica/noticia/2020/10/beyonce-e-processada-por-mora-dor-de-cidade-revoltado-com-filmagens-de-clipe-em-local-historico.html>. Acesso em: 25 abr. 2025.

FIGURA 4: **Modelo e ator Guthierry Sotero.** Disponível em: https://www.instagram.com/p/C_T0pIFJ7TI/. Acesso em: 1 maio 2025.

FIGURA 5: **Modelo e ator Demerson D'Alvaro no desfile da marca Menino Rei no São Paulo Fashion Week.** Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ce81BOUrrEI/>. Acesso em: 1 maio 2025.

FIGURE, Shirley. **A modelagem como linguagem estética:** entre cultura e técnica. Revista ModaPalavra, v. 13, n. 28, p. 30-48, 2020.

FORD, C. W. **O herói com rosto africano:** mitos da África. São Paulo: Summus, 1999.
HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

KAWAMURA, Yuniya. **Moda como sistema.** São Paulo: Editora Senac, 2005.
LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero:** a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MOTEN, Fred; HARNEY, Stefano. **The Undercommons:** Fugitive Planning and Black Study. New York: Minor Compositions, 2013.

QUINN, Eithne. **Nuthin' But a "G" Thang:** The Culture and Commerce of Gangsta Rap. New York: Columbia University Press, 2005.

REILLY, Kara. **Stephen Burrows:** When Fashion Danced. New York: Rizzoli, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICHARDSON, Rich. **Streetwear and Black Style:** Fashion from the Margins. New York: Routledge, 2021.

ROSA, Stefania. **Modelagem plana masculina.** São Paulo: Senac, 2022.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **O corpo na moda:** a construção do corpo feminino ocidental. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

SOUZA, Juliana. **O afrofuturismo como possibilidade estética e política.** Revista Periferias, v. 5, n. 2, p. 80-95, 2020.

WOMACK, Ytasha. **Afrofuturism:** The world of black sci-fi and fantasy culture. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.

WOMACK, Ytasha. **Afrofuturismo:** a cultura negra e a ficção científica. Tradução de Alexandre Boide. São Paulo: Odisseus, 2015.